

de todas as paixões e de todos os ódios, de todos os despeitos e de todos os insultos contra os homens públicos do país, a ponto tal que ainda o ano passado, em Paris, um deputado francês me dizia que, a julgar pelos jornais do Rio de Janeiro, o Governo do Brasil devia ter sido assaltado por uma quadrilha de bandidos evadidos de um presídio; foi também a imprensa desviada do seu caminho legítimo, decaída, aviltada, prostituída até à ignomínia do achincalhe obsceno, pornográfico e imundo contra a honra das esposas, contra o lar das famílias”(256). Hermes da Fonseca, a quem ocorrera a circunstância, ainda no governo, de casar-se com mulher muito mais jovem, foi o homem público mais insultado do Brasil. O importante, porém, não está em constatar a virulência da imprensa ou os desmandos dos governantes, mas em compreendê-los, explicá-los, ver as suas causas profundas: um traço, quando generalizado, não reflete deficiências individuais, mas sociais.

Dois jornais polarizavam, no Rio, as correntes de opinião: *O País*, que defendia o Governo, e o *Correio da Manhã*, que capitaneava a oposição. Neste, dominava a figura de Edmundo Bittencourt; naquele, a de João Laje. Laje tipificou, realmente, o jornalista corrupto, de opinião alugada, conluiado com o poder, dele recebendo benefícios materiais em troca da posição do jornal. Gilberto Amado, que ingressou em *O País* quando do hermismo, na fase de apogeu do jornal, pintou-o assim, em suas memórias: “A redação de *O País*, à esquina de Sete de Setembro, num dos mais feios edifícios da Avenida, então considerado bonito, dois andares e entressolo, compunha-se de uma grande sala retangular no primeiro andar, na qual se dispunham paralelamente mesas, uma para cada redator, umas dez, todas lustrosas, novas. Ao fundo, debaixo de grandes retratos de Quintino Bocaiuva e Salvador de Matosinhos, fundadores do jornal, a mesa do secretário da redação, comprida e larga. Vi numa dessas noites pela primeira vez entrar na redação, do gabinete em que trabalhava, com umas tiras de papel na mão e charuto na boca, João Laje. (...) O jornal ocupava-se, de resto, mais de Portugal do que do Brasil. O Brasil, como ele o refletia, nada mais era do que um pedaço de Portugal. (...) Hoje, quarenta e cinco anos depois, não se faz idéia entre nós de quanto o Brasil era português. A imprensa estava, em grande parte, em mãos de imigrantes lusos. Eram portugueses o gerente e cronista do *Jornal do Comércio*, o cronista e o gerente do *Correio da Manhã*. Era portuguesa a direção da *Gazeta de Notícias*”(257).

(256) Laurita Pessoa Raja Gabaglia: op. cit., pág. 214, I.

(257) Gilberto Amado: *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, Rio, 1956, pág. 46.